

www.unb.br/fac/campus
campus@unb.br

A polêmica continua

Volta a discussão sobre reserva de vagas para negros no ensino superior. Confira os principais pontos do projeto e as dúvidas da comunidade universitária Pág. 3



Copiar-colar à solta

12 alunos de Relações Internacionais foram reprovados por plágio. Na comunicação, o professor Mauro Porto acusa uma professora do Rio de copiar um de seus trabalhos. Pág. 4



DCE se prepara para as eleições

Chapas se preparam para disputar eleições do Diretório Central dos Estudantes nos dias 10 e 11 de abril. Enquanto isso, os alunos não mostram interesse e sequer sabem o que pedir dos candidatos. Pág. 5

CARTA DA EDITORA

O desafio a nossa frente

Nossos rostos foram estampados neste espaço na última edição do *Campus*. Vocês, leitores, puderam ver quem somos nós: um mosaico étnico. Porém, tivemos acesso a uma educação que nos trouxe até esta instituição e que muitos nunca terão.

A matéria publicada na edição 262, "20% da UnB para negros", sobre a proposta de reservar vagas para negros na Universidade, provocou discórdias dentro da nossa redação. Um integrante de nossa turma declarou que a foto da boneca de maracatu, publicada na capa, era racista. Ela retrataria o negro como objeto, não como ser humano. A resposta a esta acusação estimulou uma série de e-mails de nossos colegas.

Depois de um fim de semana trocando mensagens longas e repletas de dúvidas e opiniões fortes, decidimos aceitar as nossas diferenças. Não irei, portanto, discutir à respeito do conteúdo da foto, nem expor minha posição sobre o tema. O que desejo mostrar é que este debate irá se repetir em contextos distintos e de formas diferentes.

Reconheçam que, com a introdução desta proposta, embarcamos definitivamente em um

debate que vai além do ensino superior. Entrar nesta discussão significa que temos que refletir sobre o papel que o negro ocupa na sociedade brasileira e enxergar que ele é marginalizado. Se ele não fosse, não seria necessária a existência de leis como a Lei Afonso Arinos, que proíbe a discriminação racial.

Tais considerações levantam uma série de dúvidas. Será que precisamos reservar uma porcentagem das vagas nas universidades federais para negros com o objetivo de aumentar suas oportunidades? Ou será que a implementação deste projeto é discriminatória em si?

Nós, do jornal *Campus*, sentimos o peso destas questões. Compartilho aqui esta pequena experiência de nossa equipe e espero que vocês passem pelo mesmo. Baptem ter que defender suas opiniões e criticar as de outros. E não fuja disto. A ação afirmativa é uma medida que, mesmo não concretizada, trará uma discussão que nossa geração ainda não enfrentou. Mas enfrentem-na, porque ela disto respeito a todos nós, brancos, negros ou pardos.

CAMILA ZAMITH
EDITORA-CHEFE CAMPUS 263

PEDIDO DE RETRATAÇÃO

O pedido de retratação da 296 Publicidade diz que a matéria "Razão na Diversidade", publicada no *Campus* 261, errou ao dizer que os danos somados de março de 2002 foi de R\$6 mil. O presidente da agência publicitária, Daniel Souza Pinto, divulgou que o prejuízo estava sendo estimado nesta quantia. O dado foi confirmado com um dos porteiros presentes durante a investigação policial.

Camila Zamith - Editora Chefe do *Campus* 263

A VEZ DO LEITOR

Contra versus a favor

"Gostaria de expressar a minha repulsa por essa ideia racista de reservar vagas para negros na UnB. A população brasileira é muito miscigenada. Uma medida como essa irá gerar uma onda de preconceito. As vagas serão divididas em preto e branco, para quem estudou... No vestibular então? Vai existir a nota de corte de branco e a nota de corte de preto... Isso não lembra uma popular expressão preconceituosa? Se fosse negro me sentiria ofendido com uma proposta como essa! Devem ser dadas oportunidades de estudo para eles!"

Aliás, gostaria que essa discussão mudasse as ocorrências da palavra negro para "de baixa renda". Afinal, branco e pobre pode e preto não pode? Tenho certeza que uma solução muito mais digna é a criação de bolsas para que cidadãos brasileiros de baixa renda tenham acesso às cursinhas. É a longo prazo, a solução muito mais cara do que um pedaço de papel dizendo quem tem direito a que um comportamento.

Desse modo não haverá vagas reservadas e sim vagas conquistadas como a minha foi e tenho certeza de que também será por muitos estudantes de baixa renda, caso medidas como essa sejam adotadas.

VITOR GHOI FEITOSA, estudante de Eng. Mecatrônica, PS. São BRASILEIRO cobra da peste de olho puxado. Será que vão criar cotas para nortistas e orientais também?

Fale com o Campus

Envie suas críticas, sugestões, reclamações, dúvidas e comentários para a nossa redação no e-mail campus@unb.br, endereço Campus Universitário, Darcy Ribeiro, Faculdade de Comunicação, ICC Ala Norte, caixa postal 04660 CEP: 70910-900 Brasília/DF, telefone: (61) 307-3059.

Por motivo de espaço ou clareza, as cartas publicadas podem ser editadas.

ARTIGO

Os diplomas e a vida humana

Luiz Martins
É para desregulamentar profissões que supostamente não põem em risco a vida humana, por que somente o jornalismo foi objeto de decisão judicial? Que se adote, então, a mesma abertura para todas, a começar, na ordem alfabética, pela advocacia. É o que sugere o professor Victor Gentili, presidente da Comissão de Especialistas do Ensino de Comunicação do MEC, ao comentar a queda da exigência de diploma de curso superior reconhecido pelo MEC para obtenção do registro profissional de jornalista.

Da mesma forma, como um bom aqougueiro não pode ser admitido nas salas de cirurgia apenas pelo saber em corte, não se pode oferecer o exercício do jornalismo a qualquer pessoa tendo-se como mérito apenas a autoconfiança que é própria dos autodidatas que ao seu alvito se julgam aptos para exercer um ofício. Esta é a posição do advogado Carlos Chagas, no jornalismo há 47 anos, 23 dos quais lecionando no Departamento de Jornalismo da UnB e que é a favor da exigência de diploma.

O jornalismo só tem a ganhar com a participação de pessoas com formações das mais diversas, sobretudo, quando a sua contribuição decorre de especializações, seja de profissionais qualificados em outras áreas. Esta medida da temperança é fornecida por Dad Squarisi, formada em Linguística e Editora de Opinião do *Correio Brasileiro*, onde também assina uma coluna que proporciona aos leitores dicas de português, combinando simplicidade e estilo refinado.



Até há pouco tempo, o jornal pagava multas por ré-la.

O jornalismo é uma profissão complexa em matéria de domínios técnicos. Difícilmente uma pessoa conseguirá preparar-se bem para um campo de trabalho exigente sem frequentar um curso específico. Esta é a conclusão do presidente do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do DF, Edgar Tavares, graduado em Sociologia e há mais de 30 anos no jornalismo.

Estas foram, em resumo, as posições adotadas pelos quatro convidados para um debate realizado no dia 25 de fevereiro último, no auditório da Faculdade de Comunicação (FAC). Não houve réplicas, ficando a polémica aberta às contribuições do público, insatisfeito com o rumo

das discussões, por não terem chegado a um ponto conclusivo. E, de fato, este é o estado atual da questão. Há bons argumentos para todos os lados e gostos.

O debate era sobre o diploma de jornalismo. Mas este acabou por ser considerado uma questão de menor importância, como assim manifestou-se o diretor da FAC, professor Murilo Ramos, para quem o essencial é a qualidade do ensino e o papel que nele deve desempenhar uma instituição pública como a UnB, que neste momento começa a implantar um novo currículo de jornalismo, com ênfase nas disciplinas de Ciências Sociais. Murilo declarou a ampliação das vagas oferecidas pela FAC a cada ano, que passarão de 92 para 130, ou seja, 40%.

EXPEDIENTE

Jornal Laboratório do Departamento de Jornalismo
Campus Universitário Darcy Ribeiro
Faculdade de Comunicação
ICC Ala Norte - UnB
Caixa Postal: 04660
CEP: 70910-900 - Brasília/DF
telefone: (61) 307-3059

Editora chefe

CAMILA ZAMITH

Editora de Un/Opinião

MICHELLE BOCHA

Editor de Cultura/ Panorama/ Esportes

LEONARDO ARAÚJO

Reportagem

ANANDA RAMALHO, CAMILA ZAMITH,
FABIANO DUTRA, JUIA SEGATTO, LEONARDO
CARVALHO, MARIANA CERATTI, PINGELIA
BORGES e SIMONE Nogueira

Fotografia

JUIA SEGATTO, LOUISE CARVALHO, MARIANA
CERATTI, MARILYN BUCK, PEDRO BORGES e
THIAGO SHERER

Diagramação

ANDRÉ DINIZ, HELENE NOBREGA e MICHELLE
BOCHA

Direção de Arte

PAULO PAZ

Revisão

ANANDA RAMALHO e CAMILA ZAMITH

Ilustração

CRISTIAN WENING

Campus Online

CAMILA ZAMITH

Professores Responsáveis

AGUIAR LONVICKI, DANILO BERNARDI, MARCOS
MARQUES, MARCELO PIPO e ZILDA LIMA

Colaboraram nesta edição

GABRIEL REIS e CRISTIAN WENING

Impressão

GRUPO BRASILEIRO

Tiragem

5 mil exemplares

A cor da diferença

Projeto de cotas causa confusão ao instituir autodefinição

MARIANA CERATTI

Quando o assunto é a distribuição de cotas de vagas para negros, a polêmica é grande. E as dúvidas da comunidade universitária, maiores ainda.

O Campus explica os principais pontos do projeto "Uma proposta de cotas e ouvidoria para a Universidade de Brasília".

Os professores José Jorge de Carvalho e Rita Laura Segato, do Departamento de Antropologia (PAS). Assim como acontece no concurso tradicional, os negros terão que satisfazer as condições mínimas de classificação exigidas pelo Cespe.

A redação continua valendo como critério de eliminação. O projeto também prevê a aplicação dos exames de habilidades específicas nos cursos em que eles já são utilizados.

A diferença de um possível vestibular com um sistema de cotas é que os negros devem se identificar no ato da inscrição - para se distinguir quem é negro, o método deve ser a autodefinição. Este é, talvez, o ponto que gera mais confusão quando se discute o tema.

QUEM É NEGRO?

Em conversas com pessoas da Universidade, foi possível notar que um dos maiores temores era de que, inicialmente, alguns candidatos que não se consideravam negros resgassem suas "origens", apenas para ter direito às vagas reservadas.

Os autores do projeto afirmam não temer a infinidade de nomes usados para classificar a cor das pessoas no Brasil. "A maioria das pessoas não possui dúvidas quanto à posição que ocupam no esquema de classificação racial brasileiro", explica o texto do projeto.

Mesmo o professor José Jorge chegou a declarar, em entrevista à edição anterior do jornal, que não acreditava na possibilidade de alunos brancos usarem as cotas em benefício próprio.

A validade do sistema de cotas está em alta nos debates da UnB. Mas a implementação do projeto ainda engatinha.

Depois da inscrição e das provas, os negros devem ser classificados separadamente. Passam no vestibular os candidatos que tiverem as maiores notas de classificação, até que haja o preenchimento dos 20% das vagas destinadas a eles. É nesse ponto que surge outra controvérsia em relação à proposta.

Vários alunos questionam o fato de que há candidatos que, mesmo com alta pontuação, não conseguem passar - enquanto os que entraram pelas cotas poderão ter até uma nota de corte menor. "Isso também é uma forma de racismo", referem Marcela Machado e seu colega Daniel Vila-

Nova Gomes, também do 4º semestre de Direito.

BEM NO COMEÇO

Atualmente, a validade do sistema de cotas é tema em alta nos debates que têm acontecido na UnB. Mas a implementação do projeto na universidade ainda engatinha. Depois da reunião de 8 de março, quando o projeto foi apresentado na reunião do Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão (CEPE), não houve mais discussões oficiais sobre o tema.

O professor Timothy Mulholland, vice-reitor da UnB, contou que há uma reunião programada para conversar sobre o assunto, mas sem data definida. Mesmo assim, a expectativa para os debates é grande.

"As cotas para negros poderão ser um instrumento de combate à desigualdade de acesso ao ensino superior. É impossível prever o resultado, mas a UnB tem uma tradição de liderança em mudanças de vanguarda no Brasil", defende o professor Mulholland.

A UnB não é a única a apresentar um projeto de inclusão do que se costuma chamar de minorias. A Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ) já havia apresentado um projeto de cotas de 50% das vagas para alunos de escolas públicas.

A Uerj aguardava receber R\$ 10 milhões do governo do estado do Rio para a realização do vestibular para esses estudantes. Mas até o fechamento desta edição, não foi possível encontrar os responsáveis pela implementação do sistema na Uerj.

Confira enquete no Campus Online.



Cotas "instrumento de combate à desigualdade de acesso ao ensino superior".

Executivo e Judiciário

Depois da Conferência Mundial sobre Racismo de Durban, África do Sul, em 2001, os poderes Executivo e Judiciário do Brasil apresentaram propostas de reserva de vagas no serviço público. Em dezembro passado, o Ministério da Justiça e o Supremo Tribunal Federal (STF) assinaram documentos que prevêem a admissão de 20% de servidores negros.

Já o Ministério da Educação (MEC) está com o programa Diversidade na Universidade, que

inclui um projeto de pesquisa para saber como aumentar o acesso de negros e grupos menos favorecidos ao ensino superior.

O MEC ainda deve dar apoio financeiro a projetos de educação de ONGs ligadas à questão racial. Inicialmente, sete estados serão beneficiados. Os recursos estão sendo negociados junto ao Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID). Ao todo estão previstos US\$ 9 milhões para financiar a pesquisa e os programas das ONGs.

Passeio gastronômico no campus

Conheça os restaurantes, lanchonetes, cantinas e quiosques espalhados pela Universidade



Aluno percorre o campus universitário provando as variadas opções de lanche.

JULIA SEGATO

Todo semestre, milhares de estudantes deixam suas cidades e famílias em busca do ensino nas universidades públicas. Longe do aconchego de casa, a saudade é inevitável. Contudo, nada é mais nostálgico do que a lembrança da deliciosa *comidinha da mamãe*.

Para aplacarem o desejo da comida caseira, os forasteiros devem se aventurar no mundo desconhecido da culinária ou se meterem à freguesia das lanchonetes e dos restaurantes espalhados pelo campus.

O goiabo Ricardo Barros, aluno do 4º semestre de Relações Internacionais da UnB, é um dos consumidores assíduos de refeições na Universidade. Como divide aparentemente com mais dois universitários de fora, e juntos, não podem contratar uma cozinheira, Ricardo já experimentou todos os tipos de comida da UnB. "Comida boa não tem, mas há opções para quase todos os gostos e bolsos", garante.

Para ajudar na árdua tarefa de escolher o que comer entre

uma aula e outra, preparamos um roteiro gastronômico. Junto com Ricardo, a equipe do Campus foi aos principais estabelecimentos da UnB, anotando a especialidade e a promoção da casa.

Sempre partindo do Anfiteatro 17 (localizado no meio da Ala Norte) marcamos o tempo gasto para os percursos às opções de alimentação mais próximas. Fomos aos quiosques do Ceubinho, ao RU, aos trailers de cachorro-quente e à lanchonete na entrada do Instituto Central de Ciências (ICC) Norte.

INFRA-ESTRUTURA

A PRAÇA

Nas cantinas e cariocinhas da Universidade, a precariedade de infra-estrutura afeta a qualidade da comida. Sem água, os comerciantes fazem a limpeza de seus utensílios nas torneiras do campus ou no tanque construído no último semestre perto do hambuzal (localizado entre a Biblioteca e o Minhocão). Os únicos quiosques beneficiados com água encanada - das extremidades sul e norte do ICC e do Instituto de

Artes (IdA) - são integrantes de uma experiência piloto realizada pelo Centro de Planejamento Oscar Niemeyer (Ceplan).

A proposta inicial do órgão, idealizada pelo professor de Arquitetura Jaime Almeida, transformaria quiosques e cariocinhas em módulos industriais pré-fabricados, com água encanada, eletricidade e banheiro. A Universidade arcaria com as construções e os comerciantes apenas alugariam o espaço, mas segundo o professor, a Reitoria alegou falta de recursos. "A solução encontrada foi sugerir aos permissionários a compra dos módulos prontos para que a UnB cedesse a cobertura de material orgânico", esclarece Almeida.

Até agora, somente o estabelecimento da ponta da Ala Norte desfrutava das facilidades do módulo. Segundo o proprietário da lanchonete no IdA, Rogério Córdova, a escolha de quem adquirir o primeiro módulo ficou decidida em reunião amigável. "Como eles precisavam mais do que os outros, ficou decidido que seriam os primeiros", afirma.



Rogério Córdova espera projeto de um quiosque para a lanchonete dele.

A construção pioneira facilitou ao Ceplan a percepção de erros no projeto, adiando os planos de módulos para os outros dois participantes da experiência. Para Joselin Alves, vendedora da lanchonete na extremidade sul, o Ceplan não definiu se o projeto deve continuar e nem deu explicações aos interessados. "Acho que não vai sair a instalação do novo quiosque para a gente. O outro pessoal só conseguiu porque não tinha trailer, apenas uma cariocinha".

Para combater a falta de infraestrutura e melhorar as condições sanitárias, o professor Jaime Almeida defende a criação de uma praça de alimentação em frente às entradas sul e norte do Minhocão. "Hoje a coisa não está boa, e não por culpa dos comerciantes, mas da falta de estrutura que se arrasta há anos", diz Almeida inconformado. Aos comerciantes e consumidores, resta esperar por uma solução da reitoria, da prefeitura e do Ceplan, que, ao que tudo indica, ainda parece estar muito distante de ser encontrada.

Roteiro



O Anf.17 foi o ponto de partida.

Confira o roteiro com os custos e o tempo gasto pelo nosso incansável degustador:

Stokinho Ceubinho - ICC Norte: Croissant ou sanduiche natural + suco de caju ou maracujá = R\$ 2,00. (3 minutos)

Calorita Certa Ceubinho - ICC Norte: 2 salgadinhos + suco = R\$2,00. (3 minutos)

Partini Ceubinho - ICC Norte: 1 salgado + suco = R\$ 1,00. (3 minutos)

Trailers de cachorro-quente - Entrada do ICC Norte: Cachorro-quente a R\$ 1,50. (2 minutos e 55 segundos)

Faculdade do Lanche - Extremidade do ICC Norte: Prato com dois tipos de salada e uma carne (R\$ 4,90) ou frango grelhado (R\$ 4,50). (2 minutos)

Restaurante Universitário (RU) Ao lado do Banco do Brasil 5 minutos e 10 segundos Comida variada, inclusive vegetariana a R\$ 2,30 (carrelinha estudantil com tarja magnética) ou R\$ 3,50 (carreira sem tarja).

Geração copiar-colar leva zero

Alunos de um curso de especialização são acusados de plagiar trabalhos da Internet

AMANDA RAMALHO

Em janeiro de 2000, 12 de 26 alunos (39%) do III Curso de Especialização em Relações Internacionais (curso pago) foram reprovados na disciplina O Brasil e a Economia Global, lecionada por Carlos Pio no final do ano passado. O motivo da reprovação foi um plágio encontrado nos trabalhos finais.

Carlos Pio pediu que eles escrevessem cerca de 10 páginas sobre um dos três temas oferecidos. Ao invés de pesquisar na bibliografia oferecida, durante o curso, os alunos plagiaram textos disponíveis na internet.

A desconfiança começou com um trabalho que estava acima da média, mas que não utilizava a bibliografia indicada pelo professor. "Foi fácil descobrir. Bastei fazer uma procura em portais de busca da internet. Ao digitar entre aspas o trecho de uma frase que o aluno usou no trabalho, apareceu um texto do professor de economia da Unicamp Márcio Pochman", declara Pio.

"Ao invés de pesquisar na bibliografia usada durante o curso, eles plagiaram textos disponíveis na Internet"

Depois disso, Carlos Pio foi descobrindo outras fraudes. Ele ram cópias de pedaços de artigos de professores universitários, jornalistas e até de relatórios do Ministério das Relações Exteriores. Todos foram retirados dos sites da internet.

Comprovado o plágio, o professor deu zero para os trabalhos, reuniu os alunos e entregou-lhes a reprovação. "Quando você apresenta um trabalho de outra pessoa como se fosse seu, você viola uma relação de confiança. Não dá para aceitar", afirma Pio.

O JULGAMENTO
Os estudantes reprovados não deixaram o episódio passar em branco. Dos 12 fraudadores, 10 recorreram ao Departamento de

CRIME!

Plágio é um crime de falsidade ideológica, previsto no Código Penal. Para que a falsidade ideológica se configure, é preciso que nela esteja embutido um proveito relevante. Por exemplo, no caso da cópia de textos alheios para entrega de monografias, a falsidade ideológica se configura. Além disso, é um crime de ação pública. Isto é, não há necessidade da pessoa plagiada, a lesada, se pronunciar contra o criminoso. Basta chegar ao conhecimento do Ministério Público, para que seja movida uma ação contra a pessoa que cometeu o plágio.

O plágio não deve ser confundido com a violação dos direitos autorais. Este último ocorre quando uma pessoa pega o trabalho de alguém e anuncia como se fosse seu. Isso é um crime privado, no qual a lesada tem que representar para haver uma ação criminal.³

Há sites que vendem trabalhos prontos e outros que fazem trabalhos gratuitamente, além de fornecer monografias alheias. São eles:

minadadidas.hpg.com.br
trabalhosprontos.com.br
fazemtrabalhos.com.br
trabalhosclaros.hpg.com.br

Relações Internacionais. O recurso pode passar por até quatro instâncias.

A primeira é o professor, que faz uma revisão do caso. A segunda é uma comissão formada por outros três professores do departamento. A terceira instância é o Instituto de Ciência Política e Relações Internacionais (IPR). E, por último, os alunos são julgados pela Câmara de Pesquisa e Pós-Graduação.

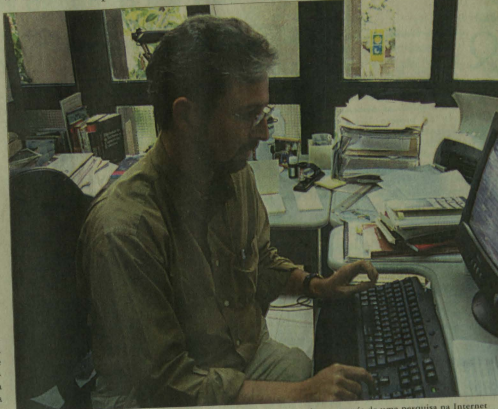
O recurso dos fraudadores está agora em julgamento na terceira instância. A Comissão manteve a decisão de Pio. Segundo Norai Rocco Rocco, presidente da Câmara de Pesquisa e Pós-Graduação, não é aplicada uma punição imediata. "Não há ainda como dizer o que será feito depois que o recurso chegar a nós. O processo tem que ser avaliado criteriosamente para ter o máximo de isenção".

Norai Rocco disse ainda que há algum tempo atrás chegou à Câmara o recurso de um aluno de mestrado que havia plagiado textos alheios. Ele foi desligado da UnB e provavelmente nunca mais será aceito de volta. "O plágio é anti-ético e deve ser evitado no mundo acadêmico", afirma Rocco.

Quanto aos alunos do curso de especialização, só resta esperar pela decisão. Enquanto isso, eles ficam sem o certificado do curso, que custou quase R\$7 mil reais para cada aluno.

Sobre a possibilidade dos alunos terem o recurso aceito pela Universidade, Carlos Pio disse que vai fazer o que for devido. "Se a Universidade me mandar fazer uma outra prova, eu vou fazer. Apesar de achar que essas pessoas deveriam entrar em uma lista negra", O que mais revolta o professor é o fato de se tratar de adultos. "Já ocorreu isso com calouros e mandei eles refazerem o trabalho. Mas aceitar isso de profissionais em especialização, é demais".

O professor acha que esse caso deve servir de alerta para alunos e professores. Os estudantes têm que ter em mente que devem ter ética e que esse tipo de atitude é prejudicial para a capacidade de atuação profissional. "O mercado não precisa de profissionais que não sabem trabalhar", lembra. E os professores devem ficar de olhos abertos. Uma dica é que eles avisem no primeiro dia de



Carlos Pio descobriu a fonte dos textos plagiados apresentados pelos alunos através de uma pesquisa na Internet

aula que vão estar atentos ao plágio. "Isso já coube os alunos", reafirma Carlos Pio.

O site de busca em que Carlos Pio achou os textos copiados é o: www.google.com.br

PLÁGIO NA FAC

O professor da Faculdade de Comunicação (FAC), Mauro Porto, estava fazendo doutorado nos Estados Unidos no final do ano de 2000 quando descobriu, acidentalmente, que havia sido plagiado pela professora Marivalva Barbosa da Universidade Federal Fluminense (UFF).

"Eu estava navegando na internet e acessei uma revista eletrônica da UFF feita por professores que conheço no Rio. Daí, comecei a ler um artigo que me interessou por ser da minha área", declara Porto.

Tamamha foi a surpresa quando percebeu que vários parágrafos do texto da professora Marivalva Barbosa se tratavam de plágio do texto "Televisão, audiência e hegemonia: notas para um modelo alternativo na pesquisa de recepção" que ele havia escrito em 1996.

A primeira providência de Mauro Porto foi entrar em con-

tato com Marivalva, que é também coordenadora do Mestrado em Comunicação da UFF. Por duas vezes, ele enviou um e-mail à professora para comunicar a descoberta do plágio e pedir que ela retirasse o texto da internet, do currículo dela e que enviase uma carta a ele se desculpasse pelo erro.

Marivalva respondeu aos dois e-mails se comprometendo a fazer o que Porto pediu. Ele estabeleceu um prazo de duas semanas e a professora não cumpriu o combinado. "Até então eu tinha decidido deixar o caso só entre nós. Mas aí decidi colocar o episódio na minha página ele-

1º ROUND: PORTO X BARBOSA

mente a produção televisiva. Os programas passaram a ser percebidos como produtos culturais politizados, que ofereciam ao espectador uma gama de diferentes decodificações, ressaltando-se, pois, a ideia de autonomia e poder da audiência em exercer controle sobre as mensagens televisivas".

MAURO PORTO:
"O pessimismo dos frankfurtianos e a rigidez dos aparelhos ideológicos de Estado" de Althusser contribuíram para que, até a década de 70, a pesquisa crítica em comunicação fosse considerada como um dado da realidade e o poder dos mídia e pouca preocupação manifestasse com relação à audiência".

MAURO PORTO:
"Um exemplo importante é o conceito de classe social, cujo tratamento pelo modelo das mídias tem uma clara semelhança com o paradigma funcionalista; confunde-se classe com

estratificação social".

MAURO PORTO:
"A outra crítica é a forma como trabalham com a noção de classes sociais, muitas vezes ausente ou sendo, com frequência, substituída pela noção de estratificação social, de clara tendência funcionalista".

MAURO PORTO:
"O método etnográfico, amplamente utilizado, raramente é definido (...). Além disso, a utilização de metodologia etnográfica nos estudos de comunicação deturpa o sentido original que elas adquiriram no campo da antropologia".

MARIALVA BARBOSA:
"E desse lugar metodológico que provém outra das principais críticas que os estudos de recepção recebem: adotar como premissa o método etnográfico, mas (...), raramente definido (...), e fecho do ponto de vista da coleta e interpretação dos dados, deturpando, muitas vezes, o sentido que adquirem nos estudos antropológicos".

MARIALVA BARBOSA:
"A outra crítica é a forma como trabalham com a noção de classes sociais, muitas vezes ausente ou sendo, com frequência, substituída pela noção de estratificação social, de clara tendência funcionalista".

MARIALVA BARBOSA:
"E desse lugar metodológico que provém outra das principais críticas que os estudos de recepção recebem: adotar como premissa o método etnográfico, mas (...), raramente definido (...), e fecho do ponto de vista da coleta e interpretação dos dados, deturpando, muitas vezes, o sentido que adquirem nos estudos antropológicos".

MARIALVA BARBOSA:
"E desse lugar metodológico que provém outra das principais críticas que os estudos de recepção recebem: adotar como premissa o método etnográfico, mas (...), raramente definido (...), e fecho do ponto de vista da coleta e interpretação dos dados, deturpando, muitas vezes, o sentido que adquirem nos estudos antropológicos".

MARIALVA BARBOSA:
"E desse lugar metodológico que provém outra das principais críticas que os estudos de recepção recebem: adotar como premissa o método etnográfico, mas (...), raramente definido (...), e fecho do ponto de vista da coleta e interpretação dos dados, deturpando, muitas vezes, o sentido que adquirem nos estudos antropológicos".

MARIALVA BARBOSA:
"E desse lugar metodológico que provém outra das principais críticas que os estudos de recepção recebem: adotar como premissa o método etnográfico, mas (...), raramente definido (...), e fecho do ponto de vista da coleta e interpretação dos dados, deturpando, muitas vezes, o sentido que adquirem nos estudos antropológicos".

DCE entre o céu e a luz

Após quase dois anos fechada, entidade quer renascer

EMERSON DOUGLAS
ou caloura, não sei nada de nada". É o que confessa Luisa Martino, aluna de Biologia, quando perguntada a respeito do que é o DCE. E não é por ser novata na UnB. Afinal, o Diretório Central dos Estudantes (DCE) está fechado desde meados do ano 2000.

Por enquanto, há dois grupos querendo reviver o DCE e transformá-lo em órgão útil às necessidades estudantis. São as chapas 1 e 2, números definidos por sorteio, que toparam o desafio.

A primeira se chama "Na falta de céu, ninguém voa". A segunda se intitula "Lumiar - trabalho, representação e voz". Porém, é bom observar que embora o processo eleitoral 2002 já tenha começado, ainda dá tempo de formar um grupo e se inscrever.

O maior obstáculo para quem quiser conquistar votos é mostrar a utilidade que o diretório pode ter.

O prazo para a entrada de novas chapas no pleito encerrou no dia 09 de abril. A posse acontecerá no dia 23.

As últimas eleições acabaram com brigas na Justiça Comum.

Depois, as chapas se dissolveram e não houve interesse em levar adiante a disputa judicial. A greve do ano passado acabou com as esperanças de um dos grupos concorrentes assumir o diretório.

AS CHAPAS

Ambas possuem algumas propostas semelhantes. Elas desejam mudar a estrutura presidencialista formal e apostar no que chamam de "horizontalização estrutural". As tarefas seriam divididas em sub-grupos de trabalho para não sobrecarregar ninguém, nem concentrar poder excessivo nas mãos de poucos integrantes. Contudo, o Edital de Eleição determina os cargos de presidente, vice, secretário e diretores, até completar o número de 18 integrantes.

Quem preside a chapa 2 é Ariel Faria e a chapa 1 é presidida por Andrea Bittencourt. Pode ser coincidência, mas o fato é que os dois grupos concorrentes são liderados por estudantes da sociologia.

Grande parte dos integrantes das duas correntes estavam participando de um mesmo grupo de discussões sobre a situação da Universidade. A separação se deu por conta de metodologias distintas dos dois grupos. Enquanto a chapa 1 se diz representativa e propositiva, a chapa 2 se julga praticamente só representativa.

Qual a diferença? A chapa 2 promete defender os anseios dos alunos, mesmo indo contra a



Chapa 2: direito dos alunos independente da reitoria.

OS ESTUDANTES

"Nunca foi ligado nessas coisas de movimento estudantil", declara Sidney Medeiros, aluno de Agronomia, sem esconder um certo desdém.

O maior obstáculo para quem quiser conquistar votos é mostrar a utilidade que o diretório pode ter. Quem conseguir, pode ganhar a confiança do eleitor.

Há um vácuo de representatividade estudantil. Os alunos parecem se sentir meio órfãos, sem ter a quem recorrer. Necessidades, sem dúvida, existem, mas não se enxerga o DCE como uma entidade que possa ajudar.

Vitor Choi, estudante de engenharia mecânica, defende que a entidade deve proteger os interesses dos alunos. "Como nessa história de pagamento de mensalidades, o diretório tem que lutar contra isso", protesta.

Danielle Lessa, aluna de jornalismo, crê que organizações desse tipo perderam um pouco sua razão de ser após a ditadura militar. Mas acha que novos rumos podem ser dados, "participando e fiscalizando a gestão dos recursos financeiros da universidade", pondera Danielle.

Para conhecer todas as propostas para as eleições do DCE, visite o **Campus Online**, no endereço www.unb.br/fac/campus.

para a UnB de carro.

Outra solução possível é a instalação de semáforos nos locais de maior movimento. "Existem muitas ideias e propostas, mas nenhum projeto no papel", conclui o professor Paulo César.

O **Campus Online** abre na próxima semana um espaço para a discussão do assunto. O endereço é www.unb.br/fac/campus.



O congestionamento é um problema diário da via L3 Norte

Lupa

VESTIBULAR DE 2002

Estarão abertas de 15 a 20 de abril as inscrições para o segundo vestibular de 2002 da UnB. A universidade está oferecendo 1.977 vagas, sendo 1.083 para a área de Humanidades e 892 para a área de Ciências. A taxa de inscrição é de R\$ 65,00. Para candidatos que realizarem prova de habilidade específica será cobrada taxa adicional de R\$ 15,00.

O aspirante a universitário deve adquirir o Guia do Vestibulando que custa R\$ 5,00 e estará disponível de 1 a 11 de abril nas agências credenciadas dos Correios. As inscrições podem ser efetuadas das 9 às 17 horas nos vários pontos de atendimento espalhados pelo DF e nos estados de Minas Gerais e Goiás (veja lista completa no site do Campus).

A CAÇA CONTINUA

Como dissemos no Campus 262, estamos organizando o acervo deste jornal. O problema é que algumas edições se perderam ao longo da nossa história. Então, se você possui um exemplar, ou conhece alguém que tem, por favor, entre em contato conosco. Anos e números das edições desaparecidas:

1987 - 103 e 112

1988 - 123

1997 - 213, 217, 219 e 222.

1988 - 229

DIPLOMA OBRIGATORIO?

Jornalistas, professores e alunos da UnB, Uniceub e Unesp se reuniram no auditório da Faculdade de Comunicação (FAC), no último dia 25/03, para discutir a obrigatoriedade do diploma para o exercício do jornalismo. Uma liminar concedida pela juíza Carla Abrantkoski acabou com a necessidade do diploma de jornalismo para a obtenção de registro profissional. A medida está sendo questionada na Justiça pelo Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Distrito Federal.

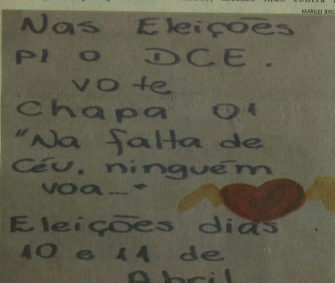
FESTIVAL DE BRASILIA

O Pólo de Cinema e Vídeo do Distrito Federal está selecionando os roteiros do Edital 2001/2002 que receberão o incentivo financeiro da Secretaria de Cultura. Ainda não foi divulgado se algum roteiro da UnB participa da seleção.

Para serem selecionados, todos os vinte e três projetos analisados, dentre os quais, treze curtas e dez longas, devem possuir temática referente à região Centro-Oeste e 70% da equipe de produção residente em Brasília. Os roteiros aprovados têm espaço garantido na Mostra de Cinema paralela ao Festival de Brasília, com data definida para 19 a 26 de novembro.

INTERCÂMBIO

Quem é aluno da Universidade de Brasília e quer estudar fora do Brasil não precisa procurar agências de intercâmbio da cidade. A própria UnB oferece essa oportunidade, em três programas diferentes, para alunos da graduação e de pós-graduação. Os interessados em participar de programas de intercâmbio promovidos pela Universidade devem procurar Juliana Von Sperling, na Assessoria de Assuntos Internacionais (INT), que fica no prédio da Reitoria. Os telefones para contato são 307-2654 e 307-2655. O e-mail para contato é inter@unb.br.



Chapa 1: propor novas medidas e atender as solicitações

Solução a caminho

Duplicação da via L3 deve amenizar os problemas de trânsito na Universidade

PRISCILLA BORGES

Mais uma proposta para resolver os problemas de trânsito dentro do campus pode sair do papel em maio. A duplicação da via L3, que passa dentro da Universidade, está prevista há mais de oito anos. Somente no ano passado o Governo do Distrito Federal (GDF) realizou a licitação para a obra.

Segundo o prefeito do campus, Joaquim Arnold Pinheiro, as obras não foram iniciadas porque uma comissão de professores apresentou queixas à proposta. Em alguns trechos, a área verde do campus universitário seria invadida pelo asfalto. A Prefeitura espera que o alargamento da via diminua os engarrafamentos.

PONTOS CRÍTICOS

Os pontos mais críticos da L3 são o encontro das entradas que ligam a via à L2 em frente ao Posto Ecológico e na altura da Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel). Os piores horários, segundo o diretor de Transportes, são os que vão das 7h40 às 8h15, das 11h40 às 12h20 e das 17h40 às 18h20.

Alguns policiais militares que trabalham na instituição já chegaram a fazer o controle de trá-

fego nos locais de maior movimento, mas a tentativa não deu certo. O prefeito afirma que os policiais tumultuavam o fluxo e ainda mais. "É pior ter uma pessoa sinalizando o trânsito. Ele flui melhor sem o guarda", garante.

Os piores horários, são os que vão das 7h40 às 8h15, das 11h40 às 12h20 e das 17h40 às 18h20.

PROPOSTAS

O professor de Engenharia Civil Paulo César Marques acredita que esse tipo de alternativa não será suficiente para resolver o problema do trânsito na Universidade. Para ele, é preciso mudar a "cultura" das pessoas. "Não pode ser só isso (duplicação da L3). Essa é parte da solução", pondera o professor Marques.

Entre as ideias de Paulo César estão a construção de uma ciclovia e a destinação de uma faixa das pistas exclusivamente aos transportes coletivos. No entan-

to, os usuários de ônibus reclamam da quantidade e qualidade dos veículos que operam nas linhas da Universidade.

O estudante do Direito Leandro Mariotti acredita que o GDF deveria fazer um esforço maior para melhorar o sistema rodoviário. "Prede-se muito tempo indo de ônibus, eu já tentei fazer isso", desabafa. Hoje, ele só vai

para a UnB de carro.

Outra solução possível é a instalação de semáforos nos locais de maior movimento. "Existem muitas ideias e propostas, mas nenhum projeto no papel", conclui o professor Paulo César.

O **Campus Online** abre na próxima semana um espaço para a discussão do assunto. O endereço é www.unb.br/fac/campus.

Longe da guerra, perto da paz?

Judeus e palestinos que vivem em Brasília falam sobre conflitos e soluções para o Oriente Médio



A judia Dinah Araújo vai se mudar no ano que vem para Israel

MARIANA CRATTI

No Oriente Médio, a relação entre palestinos e judeus anda mais do que complicada. Prova disso é a violência crescente entre os dois povos, principalmente com a Nova Intifada - um levante popular dos palestinos contra Israel.

Aliás, o termo Intifada quer dizer "rebelião das pedras", referência ao ato de jogar pedras, que ambos praticam em tempos de tensão. Os alvos preferidos costumam ser os postos militares nas fronteiras do Estado de Israel e dos territórios palestinos.

Longe das pedras está Brasília, Brasil, onde israelitas e palestinos preferem falar de paz. O *Campus* conversou com membros da comunidade judaica e palestina e comprovou: a palavra Shalom, ou Salam, está presente em todos os depoimentos.

Muitos dos entrevistados têm amigos ou colegas pertencentes ao "outro lado" e a relação é, muitas vezes, normal. Mas eles deixam claro que, embora possível, a paz ainda depende de muitos acertos entre os dois povos.

TOMAR PARTIDO

Muna Yousef é brasileira, professora de educação ambiental e filha de pai palestino. Os traços físicos atribuídos aos árabes chamam a atenção no rosto da professora, que não usa a cabeça

coberta por véu, como se costuma generalizar. Durante anos Muna deu aulas de teatro na rede pública de ensino, onde procurava falar de suas origens sempre que possível. "Mas me sinto um pouco culpada por não fazer muitas coisas por essa causa. É preciso se posicionar, e pela paz", defende. "Uma coisa importante de se falar é que existem tantos judeus quanto palestinos querendo a paz, mas a imprensa não divulga isso".

"Nós não queremos agredir os israelitas. E não queremos que eles nos agredam"

Muna ainda não esteve no Oriente Médio, mas conta um pouco assustada as lembranças que seu pai e alguns amigos tiveram de uma viagem à região. "Os árabes são tratados como cidadãos de segunda classe. Ao chegar no aeroporto, são revistados de cima a baixo, têm a sola do sapato arrancada".

Lembrança melhor ela tem de uma viagem a Salvador, onde conheceu dois rapazes que haviam acabado de concluir o serviço militar em Israel. "Foi muito le-

gal, conversamos bastante. Um deles havia estado na fronteira com o Líbano e visto muita coisa ruim, muita violência", comenta.

SEGUROS EM ISRAEL

Quem também já esteve perto dos conflitos do Oriente Médio são os irmãos judeus Jonathan e Dinah Araújo. Ele, 23 anos, é estudante de Jornalismo. Ela, que aparenta bem menos que seus 25 anos, dá aulas de hebraico e cursa Direito. Recentemente, ambos passaram férias em Israel, para onde devem se mudar no ano que vem. E presenciaram, diariamente, o que chamam de *pisgab* - atentados. "É algo que tem que se aprender a conviver", reflete Dinah. "Mas o nível de violência urbana é baixo em Israel. O que acontece é mais o terrorismo. Me sinto mais seguro lá do que no Brasil", explica Jonathan.

Os irmãos seguem um estilo de vida muito particular, próprio dos membros religiosos da comunidade judaica. Jonathan faz parte de uma denominação especial do judaísmo, na qual seus fiéis se vestem sempre de preto, em lato ao Templo de Jerusalém, construído por Salomão e destruído duas vezes. Fisicamente, a irmã se distingue das demais mulheres apenas por um pingente - o *hamsa*, que ela usa em identificação com o povo de Israel. Os dois preferem estar mais próximos dos amigos e colegas da comunidade judaica. "Ainda não conheci nenhum palestino", comenta Jonathan. Para falar dos acordos de paz que têm sido testados, eles se baseiam nos ensinamentos do judaísmo. "É um conflito que não vai ter solução por meio de um acordo diplomático. Segundo a Torá (livro sagrado dos judeus), não deveria haver pessoas não judias vivendo em Israel", diz a moça.

MENOS OTIMISMO

Quem também anda com poucas esperanças com relação à paz é o judeu Daniel Zoharashine, conselheiro da Embaixada de Israel no Brasil. "Precisamos do cessar-fogo e, pessoalmente, fiquei com esperanças quando os negociadores dos Estados Unidos chegaram ao Oriente Médio. Mas não entendemos e não vemos uma vontade do lado palestino de se fazer o cessar-fogo", defende o conselheiro. Na época em que a entrevista foi feita, o Oriente Médio passava por dois

momentos decisivos. O primeiro deles era a recente divulgação da resolução da Organização das Nações Unidas favorável à criação de um estado palestino independente.

O outro era o início da Cúpula dos Países Árabes - aquela, que não se sabia se Yasser Arafat, líder da Autoridade Palestina, iria ou não. A cúpula tinha, entre outros objetivos, discutir um novo plano de paz sugerido pela Arábia Saudita entre os países árabes e Israel. Um dos pontos desse plano seria a devolução, por parte de Israel, dos territórios ocupados depois da guerra de 1967. Em contrapartida, os países árabes reconheceriam o estado judeu. "A paz deve ser o caminho. Nós aceitamos, não somos contra a criação de um estado palestino independente, mas não podemos aceitar que ele vá tomar o lugar do Estado de Israel", explica Zoharashine.

DISCURSO SÓ NA TÊVÊ

Depois de muitas discussões, expectativas e especulações, Yasser Arafat não foi à Cúpula. No dia 27 de março, o líder palestino acabou discursando mesmo na Al Jazeera, emissora de televisão do Catar. O canal de televisão estava ligado em uma manhã chuvosa de quarta-feira na Representação da Palestina. O embaixador Musa Amer Odeh assistiu atento à fala apaixonada de Arafat. "Ele está enfrentando a ocupação, quer falar sobre sobre o desejo palestino por liber-

dade e soberania. E Israel não quer que ele se pronuncie".

Formado em Filosofia e Ciências Sociais, membro da Organização para a Liberação da Palestina (OLP) desde a sua fundação (1964), Odeh está no Brasil há sete anos. Tem um filho estudando na Unb e uma filha que mora em Ramallah (Cisjordânia), a cidade sitiada pelo exército de Israel, onde fica o escritório da autoridade palestina. A expressão calma do embaixador só muda quando o assunto é o que ele chama de "ocupação de Israel". "George Washington resistiu à ocupação britânica e é um herói nos Estados Unidos. Nelson Mandela resistiu ao *apartheid* na África do Sul e é um herói no mundo inteiro. Estamos fazendo o mesmo", defende.

"Não somos contra a criação de um estado palestino. Mas ele não pode tomar o lugar de Israel"

Mesmo assim, ele garante conviver sem problemas com judeus. "Tenho amigos judeus e trabalhamos juntos pela paz. Nós não queremos agredir os israelitas. E não queremos que eles nos agredam", comenta Odeh.



O embaixador palestino Musa Amer Odeh garante conviver bem com os judeus

"Lei Seca" chega ao Plano Piloto

Está em vigor a lei que limita o horário de funcionamento dos bares, trailers e quiosques

LOUISE CAROLINE

Chegu. Desde o dia 14 de março a "Lei Seca" está valendo para o Plano Piloto. Os estabelecimentos das Aças Norte e Sul e da Vila Planalto que desobedecerem a lei terão suas portas fechadas, como as das cidades satélites.

A diferença é que agora se trata de uma Portaria Conjunta (nº 06) que vale para todo o Distrito Federal. Os donos de bares, quiosques e trailers terão que

conseguir novo alvará de funcionamento, caso os atuais não estejam de acordo com a "Lei Seca". A Portaria obriga os estabelecimentos que vendem bebidas alcoólicas nas áreas residenciais a encerrar suas atividades às 22h. Para os situados em áreas não residenciais, a tolerância é até às 23h.

Já os bares localizados nas quadras mistas (comercial e residencial) podem funcionar até as 0h, de domingo à quinta-feira, e

até às 2h nas sextas-feiras, sábados, feriados e vésperas de feriados. Para as áreas exclusivamente comerciais, como o Conjunto Nacional, o *toque de recolher* é menos rígido: 3h. O limite para o fechamento dos bares.

Felipe Pessoa, membro da Ordem dos Músicos de Brasília, acredita que a "Lei Seca" traz de sempre. "Com certeza vai prejudicar. Muitos músicos vão deixar de tocar em bairrinhos".

O próprio administrador de Brasília, Arnóbio Gomes, confessa que no princípio não gostou da lei, mas acabou simpatizando com a ideia. "No começo eu era contra a aplicação da lei no Plano Piloto. Finalmente houve um entendimento com os donos de bares e restaurantes. Então surgiu um acordo entre os empresários e a sociedade, o qual eu achei justo", opina o administrador.

No Plano Piloto, a ronda para cumprir a "Lei Seca" é feita de terça-feira à domingo. No primeiro fim de semana de aplicação da lei no Plano Piloto, foram notificados 35 estabelecimentos e interditos dois, estes últimos na Vila Planalto.

"No primeiro fim de semana de aplicação da lei no Plano Piloto, foram notificados 35 estabelecimentos e interditos dois"

Para o coronel Vitola, assessor de Comunicação Social da Secretaria de Segurança Pública, não é só a criminalidade que está em foco. "O grande problema, na realidade, é a perturbação do sos-

sego público". Segundo ele, os comércios locais das entrequadras merecem um tratamento especial por estarem próximos às residências. "Esses comércios foram concebidos para situações de emergência, não para venda de bebidas alcoólicas. Trailers e quiosques são para lanche", completa.

O administrador de Brasília disse ainda que as maiores reclamações vêm das residências próximas às entrequadras: "recebemos um abaixo assinado de 28 senadores que moram na 109 Sul, reclamando do barulho causado pela boate Don Taco". Nos lugares em que houver música ao vivo ou mecânica, o horário de funcionamento será regulado de acordo com a área em que o estabelecimento estiver instalado.

Para quem acha que o Plano Piloto tem mais privilégio que as cidades satélites se engana. O coronel Vitola garante: "o que vale para Ceilândia, vale para a Asa Norte ou para o Lago Sul". Os donos de bares e quiosques já estão se adaptando à nova rotina. Agora é esperar que os frequentadores se acostumem.



Na Asa Norte, a ronda gera desconforto nos garçons

Brasília no topo da arte

A.S.Q. produz espetáculos de alta qualidade técnica, artística e de rara beleza



O profissionalismo da A.S.Q. se comprova em *Dali*, apresentado em 2000

SIMONE NOGUEIRA

O premiado grupo, A.S.Q. Companhia de Dança, que participou em 1998 e 1999 do festival internacional *Revolution* em Londres, estreia no dia 17 de maio na sala Martins Penna do Teatro Nacional, com o espetáculo *Casas de Cartão*. São 13 anos de muita garra, dedicação e finalmente com o patrocínio da Brasil Telecom.

A Companhia de Dança A.S.Q. nasceu em 1989, com um grupo de dançarinos que ensaiava em um bloco residencial. "Este foi o embrião da companhia", esclarece Luciana Lara, coreógrafa e fundadora da A.S.Q. "Com o tempo as pessoas que estavam realmente interessadas eram as mais assíduas e naturalmente o grupo se formou", conta Luciana Lara. O nome escolhido para o grupo foi *Anti Status Quo*.

As ser convidada para dar aulas numa academia da cidade, Lara não pensou duas vezes e pediu emprestado o espaço para ensaiar com o grupo de dançarinos nos finais de semana. A partir daí, o trabalho passou a ser encarado com mais seriedade.

Em Brasília, onde o grupo debutou em maio de 1991, com o espetáculo *Efêmero* na sala Alberto Nepomuceno do Teatro Nacional, o sucesso foi inevitável. Em 1994, a companhia ganhou o prêmio OK de cultura com o espetáculo *Anti Status Quo Dança*, que deu continuidade ao ludismo apresentado em *Efêmero*.

A pesquisa de linguagem a marca registrada da A.S.Q. Companhia de Dança, associada a uma contínua pesquisa visual. A cada nova criação, nasce um estilo clássico diferente. O roteiro dramático de cada projeto é

delineado de acordo com a pesquisa de linguagem. "A cada apresentação, o público pode ter a certeza de que vai encontrar um espetáculo diferente na temática, na abordagem do movimento expressivo e nas referências criativas", diz Lara. "Além de entreter, a dança questiona, provoca emoções e reflexões e também pode quebrar padrões", acrescenta.

Marconi Valadares, produtor da companhia, concorda que é difícil trabalhar em Brasília, mas explica que o mesmo acontece em qualquer lugar quando o assunto é cultura. "É mais difícil ainda é trabalhar com uma área da cultura que não é popular como a dança. O mercado é muito pequeno", desabafa o produtor.

Com um ambiente propício para confiança, ética, cumprimento e, claro, muita disciplina,

os bailarinos Cleani Marques, Daniela Couto, Danielle Renée e Pedro Martins exploram juntos seus limites. "Acho que a gente cuida bastante um do outro no palco", comenta Renée.

O próximo espetáculo do grupo é *Casas de Cartão*, inspirado no cotidiano, na linguagem dos desenhos animados, em charges políticas e histórias em quadrinhos. O universo da relação das palavras com a imagem e o movimento é explorado em *Casas de Cartão* com apresentações confirmadas para 17, 18 e 19 de maio na sala Martins Penna do Teatro Nacional.

No momento, a companhia está realizando testes. Existem duas vagas abertas para bailarinos no próximo projeto da A.S.Q. Os interessados devem ligar para o telefone 347-1953.



A força das imagens e o surrealismo de Dali inspiraram o espetáculo do grupo

PAQUE PRA VER - CINEMA

Lobo ou coelho?

MICHELLE ROCHA

Você quer ir para casa ou para a cadeia? A resposta está no filme *Dia de Treinamento*. Narrativa que intimida o público ao mostrar a guerra travada todos os dias nas ruas de Los Angeles entre o crime e a polícia tachada de corrupta. Dirigido por Antoine Fuqua, diretor que, talvez pelo fato de ser negro, conseguiu retratar bem a realidade das ruas de L.A. David Ayer escreveu o filme, que conta ainda com o carisma de Denzel Washington, ganhador do Oscar de melhor ator em 2001, que se delicia no papel do corrupto policial Alonzo, sua primeira personagem masculino que só é revelado quase no final do filme.

A história é embalsada pela música *Rock SuperStar* de Cypress Hill, mostra a sedução da corrupção e a fragilidade da honestidade. Quando Alonzo Harris (Denzel Washington), oficial veterano da divisão de narcóticos de Los Angeles há 13 anos, chama Jake Hoyt (Ethan Hawke), jovem oficial, para passar um dia de treinamento ao seu lado, é sem dúvida o dia de sorte do no-

vato, para tentar se tornar o sexto membro da divisão de veteranos. Ou não?

Alonzo é um sujeito orgulhoso que gosta de sentir o barulho das ruas e mostrar o seu poder sobre as pessoas. Sua metodologia é infringir as leis que a polícia impõe. Um clima tenso é criado com as oscilações constantes de humor do detetive que desafia, amedronta e assusta o novato Hoyt. O recruta tem 24 horas para provar o seu valor e para isso está disposto a realizar e obedecer todas as ordens de Alonzo. Até fumar pó de snife vale para entrar na divisão. A partir daí, o novato cai nas mãos do detetive e é obrigado a entrar no esquema de corrupção.

Qual o limite da lei? Ela e os seus executores estão à disposição da população? Há segurança para sairmos de casa sem o perigo de sermos assaltados? Estrá são apenas algumas das muitas questões que o filme aborda. A partir daí, cabe a você decidir se é preciso ser lobo para conseguir pegar outro lobo ou se basta um coelho esperto para efetivar a tarefa.



O filme mostra a sedução da corrupção e a fragilidade da honestidade

CANTINHO UNDERGROUND

LUCIANA AZEVEDO

É isso aí pessoal! O nosso cantinho continua apostando nas bandas alternativas da cidade. Se você tem um grupo e quer dar as caras por aqui, escreva ou compareça na redação do *Campus* munido de um CD ou fita-demo, além do resumo de sua banda.

RTL
Variações de um mesmo tema

Apesar de simples, o punk rock feijão com arroz do grupo RTL já conquistou seu lugar na cena da cidade.

A banda surgiu em 1997 e, apesar de não se declarar feminista, o grupo formado unicamente por mulheres possui letras sobre igualdade sexual, entre outros temas ligados à libertação feminina. As meninas bebem na fonte dos Ramones, Bikini Kill e também são influenciadas por ícones do metal como Megadeth.

Variações de um mesmo tema é a segunda demo-tape do RTL e conta com nove músicas que variam entre inglês e português. Atualmente a banda está sem baterista. Quem quiser se habilitar, entre logo em contato com elas!

Contatos: (61) 9902-2693 / 340-8263 (Martina)
E-mail: rtlgirl@hotmail.com

Innocent Kids
Sasha

Na ativa desde 99, o Innocent Kids é formado por André "Toto" (voz), "Thiago Barbosa" (guitarra), Marcelo "Sick Boy" (baixo) e

Reinaldo "Caneva" (bateria). *Sasha* é o segundo trabalho da banda. Com mais experiência e mais energia, o grupo detona seu *hardcore old school* em quatro ótimas músicas.

Contatos: (61) 929-9595 (André Toto)
E-mail: innocentkids@hotmail.com
http://www.quepasa.com/innocentkids/

Proto (o)
Proto(o)

Proto(o) é uma das revelações da cena alternativa brasileira. Para ter ideia do mérito da banda, os caras foram escalados para uma participação no *Abril Pro Rock 2002*, um dos maiores festivais de música do Brasil. A banda foi criada em 1996 por Carlos Pinduca (ex-Maskavo Roots) que, no início tocava simplesmente guitarra, bateria e baixo. Ou seja, fazia de tudo no Proto(o).

Cansado da solidão, Pinduca chamou alguns camaradas e hoje em dia o grupo conta com Pedro Ivo (no baixo e voz), Thariss (guitarra e voz), Craxiô (bateria), além do próprio Carlos (guitarra e vozes).

Quem estiver disposto a ir até São Paulo para curtir uma das principais raves do país, pode ir fazendo as malas. No próximo dia 20/04, o autódromo de Interlagos servirá de palco para o festival *Steel Beats 2002*.

Serão 54 atrações, 18 horas de festa, quatro tendas e um palco para a apresentação das bandas e dos DJs. Para quem se animou, a TAM está com pacotes especiais que, além das passagens, oferecem ingressos e hospedagem.

Contatos: (11) 443-6156 (Pinduca)
E-mail: proto_kid@hotmail.com
http://www.proto.com.br

Embalos

40 ANOS DE BCE

Para comemorar os 40 anos da Biblioteca Central, a BCE está promovendo uma exposição de fotos que conta a história da biblioteca desde a sua criação até a sua entrada na era da Internet. Se você ainda não viu, tem somente até a próxima segunda-feira, dia 15/04, para fazê-lo.

AGITO ELETRÔNICO

No próximo sábado, dia 13/04, a partir das 22h, os admiradores da música eletrônica poderão curtir mais uma grande festa. Seis telões mostrando vídeos e imagens em 3D, mega raios e duas pistas de dança irão completar o cenário do Autódromo Internacional de Brasília.

No comando estarão os DJs Influx (SP), Anderson Noise (BH), Fabricio Pecanha (RS), Leozinho (PR), Arnaldo Amaral (DF), Luis Ville (DF), Leo S/A (DF) e Rodrigo Parconik (PR) e os ingressos custam R\$ 20,00 (com direito a óculos 3D).

O RAPPA NA UNB

Uma das bandas mais importantes do rock nacional recente desembarca no DF também neste sábado, dia 13/04. O Rappa se apresentará no Centro Comunitário da UnB, às 22h. Após o show, a festa continua animada ao som dos DJs Ekanra (GO), Swarup (DF), Feio (SP) e Ocean (Amsterdan).

METAL EXTREMO

E ainda no sábado, dia 13/04, o rock tem a sua vez. A banda "gótica" Keisun dá as caras em Brasília novamente. O show está marcado para às 21h, na Espetaculus Hall (SIA, trecho 2) e contará com a abertura do grupo Nauseous Surgery. Ingressos antecipados a R\$ 10,00 na Berlin Discos (Conte) e no Porão 666 (Taguatinga), próximo ao Alameda Shopping. No local, convites a R\$ 15,00.

TEATRO NO BANDEJÃO

No dia 26/04, sexta-feira, o Restaurante Universitário será o palco para a encenação da versão cômica do Mercador de Veneza.

A iniciativa é da Faculdade de Direito que utiliza o teatro como alternativa pedagógica no chamado Ensino Jurídico. Para quem não quer perder a paródia shakespeariana, tome nota! A peça será encenada às 12h, em pleno restaurante.

SEGURA, PEAÓ!

A tradicional Exposição Agropecuária de Brasília está prestes a agitar mais uma vez a cidade. Quem abre a nova edição da exposição é a banda mineira Skank, que se apresenta na sexta-feira, dia 19/04, às 22h.

Como de costume, o local é a Granja do Torto. Os ingressos podem ser adquiridos nas Discotecas 2001. Informações no telefone 468-8132.

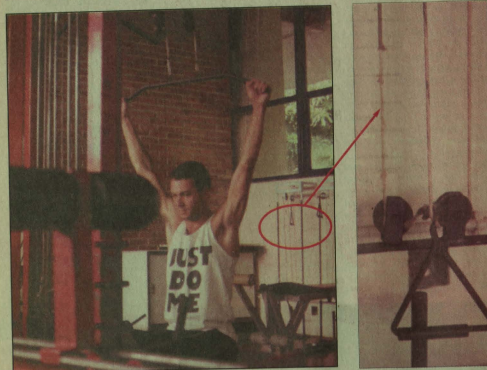
18h DE TUNTISTUN

Quem estiver disposto a ir até São Paulo para curtir uma das principais raves do país, pode ir fazendo as malas. No próximo dia 20/04, o autódromo de Interlagos servirá de palco para o festival *Steel Beats 2002*.

Serão 54 atrações, 18 horas de festa, quatro tendas e um palco para a apresentação das bandas e dos DJs. Para quem se animou, a TAM está com pacotes especiais que, além das passagens, oferecem ingressos e hospedagem.

Museu da malhação

A sala de musculação da Educação Física é quase tão antiga quanto o curso



Alunos se exercitam em aparelhos com cabos prestes a arrebentar. É o caso do pulley, para os músculos do peitoral

CAMILA ZAMITH E
MARILINA CERATTI

Ao entrar na Faculdade de Educação Física (FEF), o que se vê é uma população de 99,8% de gente sadia. Esse pessoal está ali para aprender a melhor forma de esculpir o corpo e cuidar da saúde. Só que o lugar onde isso deveria ser exercitado não está em boa forma. A sala de musculação da FEF é um verdadeiro museu, de acordo com o servidor João Batista Mendes, que cuida do local há 28 anos.

Em um espaço amplo, pouco iluminado por causa das lâmpadas quebradas - apesar de existirem ali muitas janelas - reúne-se

um antiquário de equipamentos de ginástica. Neste ambiente, são ensinadas disciplinas como condicionamento físico, que faz parte da modalidade Prática Desportiva (PD). No centro da sala, um grande aparelho vermelho (quase uma instalação digna da Bienal de Arte) onde se pode fazer vários exercícios. Entre eles, a puxada trás (para ombros e costas), abdominais e barra. O equipamento tem 25 anos, idade próxima à de muitos alunos do curso.

Outros aparelhos encontrados neste até obscuro nas academias convencionais. Exemplo disso é o *leg press*, que serve para

fortalecer as coxas, isolado em um dos cantos da sala. Além de máquinas fora de uso, há outras que estão em más condições. É o caso do pulley, para os músculos do peitoral, cujas cordas estão desgastadas. Só que, de acordo com o servidor João Batista Mendes, não compensa consertar o que está danificado. "O custo é o mesmo de um novo equipamento", lamenta.

Mesmo com tantos problemas, Hélio Santiago, aluno do 8º semestre, acha que não há perigo em utilizar a sala de musculação. Segundo ele, o espaço físico é bom, apesar dos aparelhos serem velhos. "O máximo que pode

acontecer é que a cinta solte, o equipamento enfraqueça e corte a mão", ironiza Hélio.

No centro da sala, um grande aparelho vermelho (quase uma instalação digna da Bienal de Arte) conta 25 anos, idade próxima a de muitos alunos do curso.

Segundo João Batista, ainda não houve nenhum acidente em consequência da quebra de alguma das máquinas. O problema é que os alunos ficam defasados com relação às técnicas de ensino de musculação. É o que explica o professor Aduato Pulcinelli. "Com os equipamentos que existem hoje, é possível trabalhar noções de trabalho com pesos, mas o aluno não vê as tecnologias mais atuais".

Mas há propostas para melhorar a sala de musculação. O professor Aduato Pulcinelli conta que existe um convênio entre a Universidade de Brasília e a Secretaria Nacional do Esporte para a aquisição de novos equipamentos de musculação.

As novas máquinas poderão ser usadas inclusive por deficientes físicos. Não se sabe quando a verba estará disponível, já que a compra ainda está em fase de licitação. Com esses aparelhos novos, a ideia é transferir a sala de musculação para o Centro Olímpico e transformá-la em um local aberto à comunidade.

Bola da Vez

MUNDIAL DE HANDEBOL

Entre 24 de agosto a 7 de setembro, o Brasil vai sediar o Campeonato Mundial Júnior Masculino de Handebol. O país seria a sede da competição feminina desta categoria mas, devido a problemas de calendário, foi escolhido para abrigar o masculino. A cidade onde o campeonato será realizado ainda não foi definida.

DAMA E DOMINÓ

E continuam as comemorações aos 40 anos da Universidade. Esta semana é a vez dos esportes de tabuleiro. Entre os dias 8 e 12 de abril, a UnB apresenta o seu 1 Torneio de Damas e Domínio.

LOJINHA VIRTUAL

Quem é torcedor da Sociedade Esportiva da Gama pode comprar os produtos oficiais do time de forma virtual. O site oferece vários itens como camisas, chuteiras, caneleiras, bolas, agasalhos, entre outros. Para quem se interessou, basta acessar a home-page do clube: <http://www.gamagol.com.br/liga>.

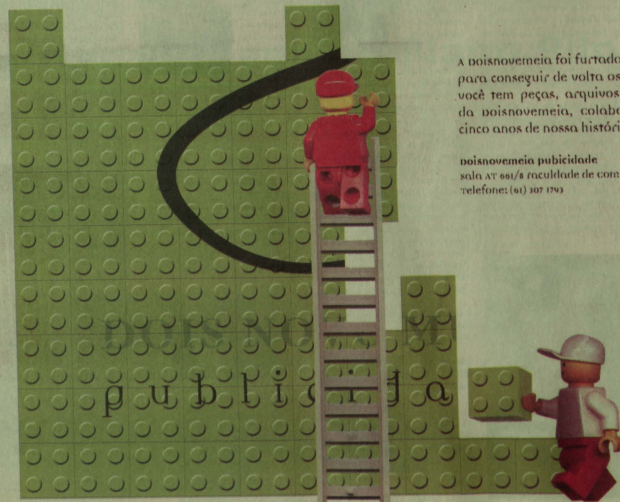
KARATÊ DA UNB

O karatê masculino da Universidade de Brasília está em alta. A modalidade levou o 3º lugar na 1ª Olimpíada Universitária de Brasília. O atleta Leonardo Rodrigues garantiu sua vaga nos 50º Jogos Universitários Brasileiros, que aconteceram no mês de junho em Alagoas, na cidade de Maceió.

MARATONA AQUÁTICA

No dia 14 de abril, o Lago Paranoá vai receber o circuito mundial do VII Campeonato Brasileiro de Maratona Aquática. O percurso é de 10 mil metros e a premiação, nada menos que US\$ 30 mil.

Ajude-nos a juntar as peças



A noisnovemeia foi furada e precisa de sua ajuda para conseguir de volta os trabalhos perdidos, se você tem peças, arquivos ou qualquer material da noisnovemeia, colabore para recuperar os cinco anos de nossa história.

noisnovemeia publicidade
sala AT 801/s Faculdade de Comunicação - una
telefone: (61) 307 1793

POIS
publicidade
noisnovemeia
publicidade